

MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES

EDITAL Nº 44, DE 28 DE DEZEMBRO DE 2009

Pareceres do COMPHAP e do COMUC Decreto nº 7.970, de 10 de setembro de 2007

O **PREFEITO DO MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES** torna público, para conhecimento dos interessados, os pareceres do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes – COMPHAP e do Conselho Municipal de Cultura – COMUC para a inscrição no Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, instituído pelo Decreto nº 7.970, de 10 de setembro de 2007, dos eventos a seguir especificados:

- 1- **Festa do Divino Espírito Santo** – Livro de Registro das Celebrações;
- 2- **Festa de São Benedito** – Livro de Registro das Celebrações;
- 3- **Entrada dos Palmitos** – Livro de Registro das Celebrações;
- 4- **Afogado** – Livro de Registro dos Saberes;
- 5- **Congada** – Livro de Registro das Formas de Expressão;
- 6- **Mocambique** – Livro de Registro das Formas de Expressão.

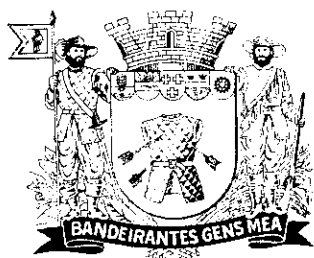
FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

DESCRIÇÃO: herança portuguesa, as festividades em homenagem ao Espírito Santo no Brasil ganharam um grande cunho popular. Em Mogi das Cruzes é realizada há mais de duzentos anos. Uma autêntica comemoração da cultura caipira, em um município que faz parte do complexo metropolitano, e que mantém manifestações de cultura popular guardando muitos aspectos e traços característicos do mundo rural.

Conta-se que durante o reinado de D. Diniz em Portugal durante grave crise, a rainha D. Isabel fez uma promessa ao Divino Espírito Santo para ajudar o seu país, promovendo ao final do período crítico uma grande festa, que se repetiria anualmente, durante o período de Pentecostes e dedicada ao Espírito Santo, que se tornaria durante o período da festa o “Imperador”.

A Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes acontece junto com o calendário litúrgico, configurando uma característica particular de estar inteiramente vinculada com a religião, formando um conjunto folclórico-religioso indissociável.

A representação popular do Espírito Santo iconograficamente é uma Pomba, conforme referências bíblicas reveladas aos apóstolos de Cristo em sua ressurreição. É uma festa de júbilo para a Igreja Católica onde o povo se junta para manifestar-se através de músicas, danças, cantos e ritos. Comemorado no período de Pentecostes, celebração litúrgica que ocorre no quinquagésimo dia depois da Páscoa.



MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES

EDITAL Nº 44/09 – Fls. 2

A Festa do Divino de Mogi das Cruzes tem um grande sentimento religioso, onde os devotos não fazem a distinção entre folclore, religião e simbologia.

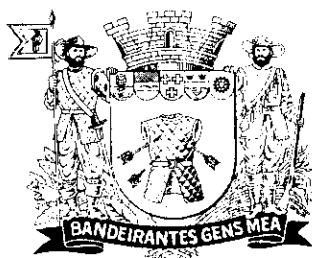
Os primeiros registros encontrados da festa em Mogi das Cruzes datam do século XVIII, em documentação obtida pelo historiador Jurandyr Ferraz de Campos, em um trecho dos “Livros de Gasto e Receita da Ordem 1ª do Carmo”, de 1749 a 1762, do Arquivo Central da Província Carmelita de Santo Elias do Carmo em Belo Horizonte onde se diz “gastos de Sera (sic) em função da Festa do Divino de Mogi das Cruzes”, sendo a mais antiga referência encontrada sobre a festa. Hoje a festa é referência no Estado de São Paulo e é reconhecida pela Comissão Paulista de Folclore.

A Festa do Divino mogiana inicia-se na quinta-feira da Ascensão, reunindo-se bandeiras vermelhas, bordadas ou pintadas, com alegorias ao Divino, que carregadas pelos devotos vão à casa dos festeiros do ano e de lá saem em cortejo até a sede do “Império” (devotos). Nos dias que seguem, até o sábado, véspera de Pentecostes, realizam-se novenas na Igreja Matriz de Sant’Anna e logo após passeata pelas ruas da cidade. Realiza-se, também uma passeata ao alvorecer com presença de violeiros, devotos com bandeiras, os festeiros, capitães de mastro e iluminação com lanternas, denominadas “Alvoradas”.

No Sábado que antecede Pentecostes acontece a “Entrada dos Palmitos”. Os palmitos são transportados em carros de boi, acompanhados pelos devotos com bandeiras, pelos festeiros, por cavaleiros, grupos religiosos, cívicos e folclóricos como congadas e moçambiques.

No domingo de Pentecostes é realizada ao final da tarde uma procissão pelas ruas da cidade conduzindo o andor com a imagem do Divino Espírito Santo. Em todas as noites barracas com comidas típicas como o afogado, o bolinho “tortinho”, doces de massa como: abóbora, batata doce, laranja azeda, mamão verde, cidra, sagu e arroz doce e outros quitutes são vendidos na quermesse.

Por seu caráter peculiar de manter a data da realização da Festa dentro do período de Pentecostes, de acolher manifestações folclóricas portuguesas, indígenas e africanas, por realizar “alvoradas”, “entrada dos palmitos”, comidas típicas associadas à festa e pela existência de mais de 200 anos de comemorações, a Festa do Divino Espírito Santo de Mogi das Cruzes constitui patrimônio cultural a ser preservado, relevante para a memória, identidade e formação não só da sociedade mogiana, mas das sociedades paulista e brasileira.



MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES

EDITAL Nº 44/09 – Fls.3

ENTRADA DOS PALMITOS

DESCRIÇÃO: As festividades religiosas se associaram a celebrações de festas pagãs ainda enraizadas na cultura popular, festas estas que seguiam o ritmo do ciclo da natureza como do plantio, colheita e descanso. Na Europa, o período de Pentecostes coincidia com as festas de maio, que manifestavam gratidão e garantia de boa colheita, as chamadas festas “maias”, que mesmo subordinadas à religião, mantinham o caráter de culto aos vegetais, onde se plantava ou conduzia uma árvore ou folhagem em cada casa.

Em 1937, o escritor Mário de Andrade teve oportunidade de assistir a uma Festa do Divino de Mogi das Cruzes encontrando nela costumes que remetem a festividades agrícolas de colheita e agradecimento típicas da Idade Média, tal qual uma reminiscência de ritos pagãos da antiguidade e que apareceriam na Festa de Pentecostes. Mário via na Festa do Divino a “única comemoração anual com ênfase na comilança e alegria desenvolvida num Brasil ainda provinciano e rural”.

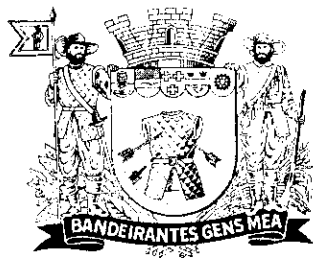
A população dos arredores de Mogi provinha principalmente da Serra do Itapeti e da região sul, próxima da Serra do Mar, e quando se deslocava para a festa trazia as prendas prometidas e o excedente da produção pelo meio de transporte usual no campo: os carros de boi.

Pela situação geográfica de Mogi das Cruzes, o palmito era abundante na mata atlântica, selvagem, resistente e de grande aproveitamento, com seu caule comestível e suas folhas boas para cobertura.

Para Mário de Andrade, “a ida ao mato, a escolha da palmeirinha, o corte da árvore ou de seus ramos, o transporte festivo do vegetal ao aglomerado urbano, o seu plantio na praça ou diante das casas, ou prendê-lo de qualquer forma à fachada das casa, os bois de transporte, todo este ritual, tudo isso que é da própria essência do culto da Maia, se acha repetido na Entrada dos Palmitos de Mogi das Cruzes”.

A Entrada dos Palmitos é uma peculiaridade da Festa do Divino Espírito Santo no Município em relação a outras festas existentes no Brasil, segundo ainda Mário de Andrade os carros de boi e de palmitos não é simples acomodação dos recursos regionais à festa, mas o escritor traça um paralelo entre Mogi das Cruzes e a Europa: “tanto de um lado como de outro, as cerimônias são associadas à fecundação; a Festa do Divino aqui, e a Festa de Maio lá; palmito aqui; bétula lá. Em ambos os lugares há o uso de mastros, a prática de cortejo em forma de procissão, a utilização de boi como transporte e a distribuição de alimentos em abundância (afogado).

Na Entrada dos Palmitos devotos com bandeiras, festeiros e ex-festeiros, banda de música, grupos de escoteiros, escolas, grupos de catequese, moçambiques e congadas se entrelaçam com carros de bois enfeitados com mudas e folhas de palmito, flores de papel e cavaleiros com seus cavalos, bois, mulas e búfalos compondo um alegre cortejo, assistido por milhares de pessoas.



MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES

EDITAL Nº 44/09 – Fls. 4

Segundo o antropólogo Herbert Rodrigues, “uma aura mágica recobre a entrada dos palmitos por conta dos agradecimentos ligados aos ritos protetivos e produtivos do ciclo agrícola rural e das técnicas de subsistência, colocando o homem em ligação com a natureza. Mais do que isso, os palmitos representam o modo como o divino chega ao mundo. A entrada dos palmitos significa a chegada do Divino Espírito Santo, o início de um novo tempo na terra”.

FESTA DE SÃO BENEDITO

DESCRIÇÃO: Festa tradicional que reverencia o santo da Igreja Católica Apostólica Romana. São Benedito. Santo nascido na Sicília, sul da Itália, no século XVI, descendente de escravos etíopes. Tinha o apelido de “mouro” por ter a pele queimada. Era monge eremita da ordem de São Francisco de Assis. No Brasil, o culto a São Benedito remonta ao século XVII na Bahia, tendo sido encaminhado a Roma o primeiro Estatuto da Irmandade do Bem-Aventurado Frei Benedito de Palermo, antes mesmo de sua canonização.

O culto a São Benedito, no Brasil, ganha grandes adeptos entre os escravos e seus descendentes, a identificação comum com um santo oriundo de país africano, negro, de origem pobre e que através de sua humildade e desprendimento alcança a graça divina, torna a devoção ao santo bastante popular. Conhecido entre os brasileiros como o “Santo Preto”.

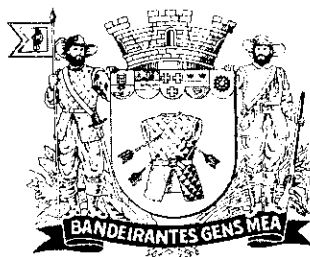
A Igreja do Bom Jesus dos Matosinhos de Mogi das Cruzes, por abrigar em seu interior uma imagem de São Benedito de Palermo, acabou sendo denominada popularmente como “Igreja de São Benedito”, e as festividades religiosas passaram a acompanhar as comemorações litúrgicas do calendário da Igreja.

As festividades em Mogi das Cruzes acontecem anualmente, na primeira quinta-feira depois do Domingo de Páscoa tendo como sede a “Igreja de São Benedito”. A semelhança da Festa do Divino, possui um Capitão-de-Mastro e um casal como Festeiros, encarregados da organização da Festa, desde as novenas, quermesse e procissão, são eles que comandam, programam e administram os onze dias de comemoração ao Santo.

A festa reúne um grande número de devotos, as comemorações incluem a participação de grupos folclóricos como Moçambiques e Congadas, a Irmandade da Ordem de São Benedito, banda de música etc.

A quermesse acontece no grande terreno defronte a Igreja denominado Largo do Bom Jesus, barracas tocadas pelos fiéis servem comidas típicas que em muito se assemelham aquelas da Festa do Divino.

Por ser festa de longa existência, numa demonstração de emoção e fé, com componentes das celebrações de grande apelo popular, com participações de grupos folclóricos ligados à herança portuguesa e africana, a comemoração faz parte do patrimônio cultural de Mogi.



MUNICIPIO DE MOGI DAS CRUZES

EDITAL Nº 44/09 – Fls. 5

CONGADA/MOÇAMBIQUE

DESCRIÇÃO: Congadas, Marujadas e Moçambiques são folguedos de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, com a introdução de influências ibéricas na parte religiosa. São grupos ativos nas Festas de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia e Divino Espírito Santo.

A Congada lembra a coroação do Rei do Congo e da Rainha Ginga, com a presença de sua corte e seus vassalos. Com forte traço da cultura africana, numa representação teatral focalizam a luta entre mouros e cristãos. O cortejo é musicado com cantigas de inspiração religiosa, acompanhado de instrumentos musicais com ênfase na percussão, e a coreografia que utiliza as vezes de bastões que simulam luta.

O escritor Mário de Andrade, durante sua visita em Mogi das Cruzes, durante a década de 30, viu a apresentação de Moçambique e declarou “o Moçambique não tem entrecho dramático nenhum e se identifica, por isso, com os Maracatus pernambucanos”, e que “o Moçambique de Mogi confirmou a sensação anterior que este bailado não representa exatamente o conceito essencial duma dança dramática porque, muito embora os textos de suas cantigas às vezes se refiram às guerras e pareçam conceber coreografia historiada, nem esses textos apresentavam a menor possibilidade de seriação nem é possível perceber nenhuma história. Apenas se pode dizer de Mogi, que elas apresentam um caráter beliger, são como simulacros de guerras na sua maioria”.

Os grupos pesquisados pelo escritor eram constituídos por Rei, Rainha, porta-estandartes e moçambiqueiros. Os grupos de Mogi guardam muitas semelhanças com os grupos do Vale do Paraíba do Sul, ainda que no aspecto físico pertençam ao Vale do Tietê. Usam roupas brancas como calças e camisas, um chapéu semelhante a um barrete militar e faixas largas cruzadas no peito, além de bastões de madeira que marcam o ritmo e simulam uma luta de espadas.

Conforme informações da Associação Pró-Divino “Mogi das Cruzes conta atualmente com quatro grupos de congada e dois de Moçambique. Havia um grupo de marujada também até o ano de 2005, o grupo de Nossa Senhora do Rosário, de Braz Cubas, que originalmente era uma congada, depois passou a se intitular como marujada, e voltou a ser congada. Este fato é exemplar da ausência de distinções específicas na identificação deste tipo de folguedo na cidade. Apesar das diferenças de denominação, estes grupos folclóricos guardam características comuns em canto, música, instrumentação, bailado e no louvor aos santos padroeiros”.



MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES

EDITAL Nº 44/09 – Fls. 6

As danças folclóricas não são espetáculos ou meras diversões, cumprem uma função, exteriorizam e revelam a expressão cultural do meio em que se inserem. Os negros no Brasil, ao sincronizarem suas crenças com o catolicismo, continuaram as suas danças como formas de preceito religioso, mas invocando seus santos prediletos e louvando-os, é dança coletiva, ginástica, onde o importante é louvar.

Por todo o Brasil encontram-se grupos de representações folclóricas que ano a ano desaparecem frente à explosão urbana, a dificuldade em transmitir as tradições aos jovens, as alterações de caráter religioso.

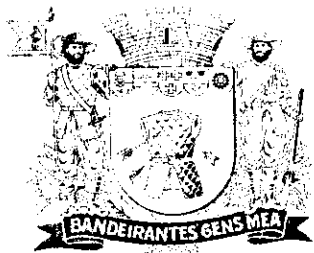
Por possuir um conjunto significativo de grupos manifestos do sincretismo religioso e cultural, de origem ibero-africana, e que se apresentam ainda hoje nas festividades religiosas é que as congadas e moçambiques devem fazer parte do livro de Registro das Formas de Expressão na cidade de Mogi das Cruzes.

AFOGADO

DESCRIÇÃO: As comemorações religiosas e profanas, principalmente junto ao mundo caipira, incluem o consumo de carne, numa distribuição de abundância e também de solidariedade, num momento de coroamento do trabalho e de júbilo. Em Mogi das Cruzes não era diferente, distribuía-se antigamente durante a Festa do Divino Espírito Santo o "afogado". O afogado, também apelidado de "fogado" e chamado por Mario de Andrade de "refogado", em Mogi das Cruzes consiste basicamente de um cozido de carne bovina cortada em pedaços retangulares com temperos e, depois de várias horas de cozimento, servida com seu caldo e porção de farinha de mandioca.

A festa é uma grande ocasião para se consumir carne, onde o consumo coletivo também se relaciona com a "comida do Divino", com o crescimento da população na cidade já não se consegue mais realizar a farta distribuição do alimento e propiciar a todos os devotos que acorrem à festa o precioso prato de "sustança". Assim, em Mogi, só após a realização da Entrada dos Palmitos e que acontece a distribuição gratuita do afogado, durante a realização da festa o prato é servido na quermesse.

Longe está quando a população devota da Festa do Divino chegava à cidade vinda de sítios e fazendas na véspera de Pentecostes e era recepcionada com uma espécie de carne ensopada, rica em gordura e servida quente, com farinha de mandioca no fundo do prato. Hoje, o preparo do prato se difundiu em todas as festas religiosas da cidade, é oferecido em botequins de várias outras cidades, mas Mogi é detentora de uma tradição antiga e sem dúvida oferece um prato típico e "sagrado" durante a Festa do Divino Espírito Santo.



MUNICIPIO DE MOGI DAS CRUZES

EDITAL N° 44/09 – Fls. 7

Eventuais manifestações a respeito dos registros dos bens de natureza imaterial propostos acima deverão ser apresentadas ao COMPHAP no prazo de 30 (trinta) dias, a contar da data de publicação deste edital, na rua Cel. Souza Franco, 993, Centro, CEP 08710-020, Mogi das Cruzes - SP.

**Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes, em 28 de dezembro de 2009,
449° da Fundação da Cidade.**


MARCO AURELIO BERTAIOLLI
Prefeito Municipal